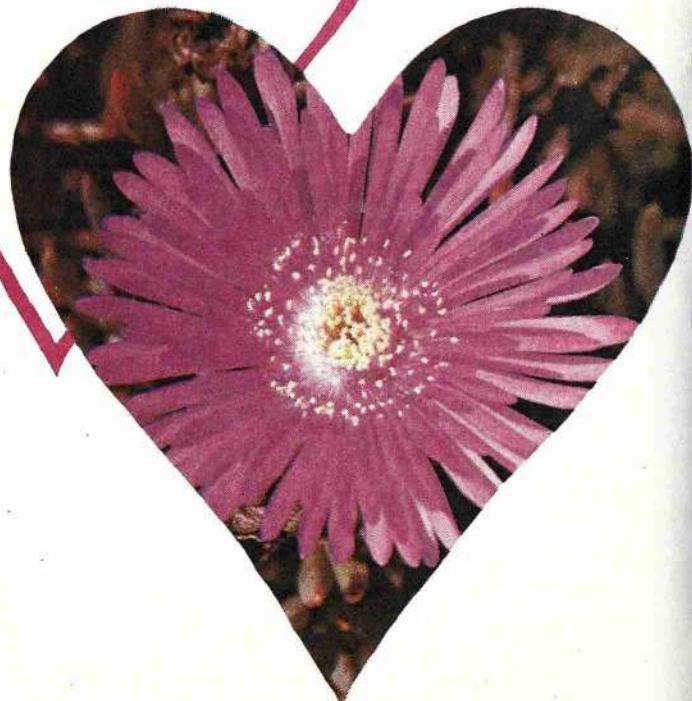


## 22 História de Um Cão



Falávamos de amor, de heroísmo e ternura,  
Nos caminhos da Terra, em lutas naturais,  
Quando um amigo lembrou: “não se deve esquecer  
O amor dos animais”.

E contou comovido:

— Quando na Terra, um pobre cão rafeiro  
Que eu nunca soube de onde vinha,  
Fez-se meu companheiro  
Na tapera isolada que eu mantinha.  
Era um cão vagabundo, um desses cães,  
Cujo medo de banho desconsola,  
Vendo-lhe a boca enorme e as bochechas caídas,  
As crianças chamavam-no Beiçola.  
Bernento e preguiçoso, muitas vezes,  
Procurei desterrá-lo,  
Mas Beiçola voltava e me seguia  
Estivesse eu a pé ou trotando a cavalo.  
Já não sabia o que fazer do cão,  
Que já me habituara a suportar  
Num misto de amizade e de aversão.  
Certa manhã de sábado, eu devia,  
Ir do campo à cidade,  
A fim de resgatar antiga conta  
Cujo prazo vencia.  
Montei no meu pequira muito cedo

De merenda robusta na sacola,  
 E pus-me alegremente no caminho  
 Acompanhado por Beiçola.  
 Desmontei-me às dez horas para o almoço,  
 Transportando a merenda para baixo,  
 Ao pé de velha ponte que cobria  
 Um pequeno riacho...  
 Alimentei-me à farta e dei ao cão.  
 Tudo o que me sobrou da refeição...  
 Tomei de novo a montaria  
 Açoitei o animal para seguir depressa,  
 O débito a pagar era daquele dia,  
 Mas uma cena estranha então começa.  
 Beiçola, de ordinário, pachorrento,  
 Intentava correr, de lado a lado,  
 Em uivos e latidos...  
 Depois correu à frente,  
 Como a querer parar o pequirá assustado.  
 O cão dependurava-se nos freios,  
 Enquanto eu lhe gritava nomes feios;  
 Espanquei-o a chicote, mas em vão...  
 E cansado de vê-lo a pular, doidamente,  
 Conclui, de repente,  
 Que a doença da raiva atacara meu cão...  
 Agi sem medo, rápido e seguro,  
 Dei-lhe um tiro com o fim de eliminá-lo,  
 De modo a defender-me e a livrar meu cavalo.  
 Beiçola então soltou doloroso gemido,  
 Caminhou para trás, claramente ferido,  
 Enquanto fui em frente...

Mas atingindo o banco e buscando o gerente,  
 A fim de resgatar a minha conta inteira,  
 Debalde procurei minha carteira...  
 No assombro que me toma,  
 Notei que me faltava grande soma...  
 Decerto que perdera o dinheiro em caminho  
 Pois saíra com ele da fazenda...  
 Deliberei voltar ao local da merenda,  
 Pedi ao chefe amigo aguardar mais um pouco  
 E aflito, semi-louco,  
 Remontei o cavalo e voltei de corrida...  
 Regressando ao lugar em que estivera...  
 E o amigo rematou, emocionado:  
 — Só então comprehendi quão ingrato que eu era...  
 Sabem o que encontrei?  
 Após seguir pequeno espaço  
 Todo ele marcado em sangue, traço a traço,  
 Achei Beiçola já sem vida...  
 E ao arrastá-lo para um canto,  
 Vi, sob o corpo dele, a estremecer de espanto,  
 A carteira perdida...  
 Ah! como me doeu o coração  
 De susto e de emoção!...  
 Não sei dizer tudo o que sinto,  
 Por muito que lhes conte,  
 Meu pobre cão rafeiro,  
 Cuja lembrança está sempre comigo,  
 Arrastou-se ferido e, após ganhar a ponte,  
 Morreu fiel e amigo,  
 Guardando o meu dinheiro.